

## Ocupação urbana: uma cartografia audiovisual da Lona<sup>1</sup>

Natasha Silveira NATIVIDADE<sup>2</sup>

Adriana BRAVIN<sup>3</sup>

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

### RESUMO

Esta pesquisa analisa as narrativas da Lona - Mostra Cinemas e Territórios, que retratam o Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB). As obras abordam temas relacionados ao direito à moradia e ocupações urbanas nos territórios onde o MLB atua. Utilizando abordagens teóricas sobre urbanização, direito à cidade, movimentos sociais no século XXI, cinema como ferramenta de luta social e análise de conteúdo, a pesquisa explora as narrativas propostas pela Lona e sua função de interpretar a realidade social. A partir de um movimento cartográfico, buscou-se mapear o processo de transformação do movimento social - MLB - em expressão audiovisual - Lona. Ao examinar as obras em relação às temáticas da infância, do protagonismo feminino e da construção da memória, a mostra revelou sua importância como um espaço cultural desempenhado pelo cinema de ocupação, além de marcar sua função social ao retratar as realidades vivenciadas nos territórios ocupados pelo MLB.

**PALAVRAS-CHAVE:** ocupação; movimento social; produção audiovisual; subjetividade; cinema.

### Introdução

O Brasil é um país altamente desigual, em relação à distribuição de renda, estrutura econômica e acesso à educação, dentre outros aspectos. Uma consequência dessa desigualdade é a falta de condições adequadas de moradia. De acordo com a Fundação João Pinheiro (FJP, 2021), em 2019, havia um déficit habitacional de 5,786 milhões de domicílios no Brasil, abrangendo áreas urbanas e rurais. Isso inclui gastos excessivos com aluguel, habitações precárias e coabitações. A urbanização das cidades (HARVEY, 2014) exacerbou essas assimetrias intensificadas em periferias e comunidades com infraestrutura precária e falta de acesso a direitos básicos. A urbanização da pobreza (SANTOS, 1993) também se tornou evidente nas grandes cidades. Como resultado, uma população economicamente vulnerável recorre a ocupações urbanas irregulares devido à ausência de oferta de moradia digna e acessível, inviabilizada ainda pela especulação imobiliária.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ 04 - Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto, email: [natasha.natividade@aluno.ufop.edu.br](mailto:natasha.natividade@aluno.ufop.edu.br)

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, email: [adriana.bravin@ufop.edu.br](mailto:adriana.bravin@ufop.edu.br)

---

A Constituição Brasileira de 1988 estabelece que todos têm o direito a uma existência digna, e a propriedade deve cumprir sua função social, atendendo às necessidades da cidade. Apesar dos programas governamentais de habitação popular e financiamentos para pessoas de baixa renda, eles não conseguem suprir a demanda habitacional. Como resultado, surgem os aglomerados subnormais<sup>4</sup>. O estudo realizado pelo IBGE, revelou a existência de 13.151 aglomerados subnormais em 734 municípios brasileiros até 2019. Esses aglomerados possuem 5.127.747 domicílios, indicando que mais de 5 milhões de famílias vivem em situações irregulares nas áreas urbanas.

Da indignação com essa realidade social emergem alianças com o objetivo de promover a transformação social, como o Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB), surgido em 1996 como um movimento nacional em defesa da reforma urbana e pelo direito à moradia digna. Para difundir suas causas, o MLB utiliza o cinema como uma forma de comunicação e, em 2020, lançou a Lona - Mostra Cinemas e Territórios<sup>5</sup>, uma plataforma online que reuniu, durante a edição daquele ano, produções audiovisuais relacionadas ao tema do direito à moradia. A Lona nasce a partir de uma necessidade de articular, organizar e hospedar as iniciativas, ações e filmes produzidos dentro dos territórios ocupados pelo MLB, em um lugar que fosse possível reunir e exibir para um público amplo. Parte das obras, antes da criação da plataforma, ganharam exibições promovidas pelo movimento dentro dos territórios ocupados, como também os realizadores dos filmes faziam suas próprias exibições.

A mostra é composta por documentários, curtas e longa-metragens. Esta pesquisa concentrou-se em analisar as produções da Mostra Acervo - integrante da Lona - , que inclui 19 obras produzidas em diferentes estados brasileiro. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, com entrevista e análise de conteúdo das obras selecionadas, a fim de traçar uma cartografia, ou seja, um mapa das narrativas emergentes na Mostra Acervo e observar as relações estabelecidas entre elas.

Esta pesquisa teve como objetivo gerar conhecimento sobre o cinema enquanto

---

<sup>4</sup> Segundo o IBGE, aglomerado subnormal trata-se de uma forma de ocupação irregular de terrenos de propriedade alheia – públicos ou privados – para fins de habitação em áreas urbanas e, em geral, caracterizados por um padrão urbanístico irregular, carência de serviços públicos essenciais e localização em áreas com restrição à ocupação. No Brasil, esses assentamentos irregulares são conhecidos por diversos nomes como favelas, invasões, grotas, baixadas, comunidades, vilas, ressacas, loteamentos irregulares, mocambos e palafitas, entre outros (IBGE, 2021).

<sup>5</sup> Lona - Mostra Cinemas e Territórios está localizada no website <https://www.mostra-lona.com.br/>. As obras que compõem a edição 2020 da Mostra Acervo, objeto desta pesquisa, ficaram disponíveis para visualização de forma temporária no site. Atualmente, só é possível visualizar as obras da edição 2022.

---

registro da prática comunicativa e das subjetividades. Além disso, buscou analisar a construção cinematográfica como uma ferramenta para observar realidades sociais e sua utilização como instrumento político. O foco deste trabalho foi compreender a estrutura que levou à formação das ocupações urbanas decorrentes das desigualdades sociais do sistema capitalista, utilizando as narrativas presentes nos filmes. A pergunta deste estudo explorou como as subjetividades propostas por meio da Lona são manifestadas e como elas funcionam como uma lupa para entender a realidade social nos territórios ocupados pelo MLB. Em essência, a pesquisa procurou entender como a mostra representa as identidades, interesses, subjetividades e demandas do MLB.

### **Direito à moradia, ocupação urbana e cidadania**

O percurso cartográfico se inicia a partir da abordagem teórica de elementos importantes para se fazer emergir o mapa, posteriormente. Nesse caminho, foram abordadas questões relativas ao direito à moradia, urbanização, cidade, ocupação, cidadania e movimentos sociais. O direito à cidade vai além do acesso individual e coletivo aos recursos urbanos, mas trata de reinventar a cidade de acordo com os desejos daqueles que a habitam (HARVEY, 2014).

O processo de urbanização resultou em desigualdade social, problemas de habitação, saneamento básico, mobilidade e acesso à serviços. A população em situação de pobreza é forçada a ocupar áreas precárias devido à falta de opções habitacionais acessíveis. Para Harvey, a urbanização sempre foi um tipo de fenômeno de classe que coexiste com o capitalismo. Os capitalistas, a fim de obter lucro, produzem excedentes para atender às demandas da população urbana crescente, mas, também, por outro lado, dependem da urbanização para absorver o excedente de produção.

Dessa maneira, surge uma ligação íntima entre o desenvolvimento do capitalismo e a urbanização. Não surpreende, portanto, que as curvas logísticas do aumento da produção capitalista sejam, com o tempo, muito semelhantes às curvas logísticas da urbanização da população mundial. (HARVEY, 2014, p.30).

A relação entre o capitalismo e a urbanização pode ser observada em diversos lugares, como Paris e as cidades dos Estados Unidos, onde o crescimento desigual e a especulação imobiliária geraram desigualdades sociais e problemas urbanos.

No contexto brasileiro, o processo de urbanização resultou em grandes cidades e

---

metrópoles, caracterizadas por desigualdade social, problemas de habitação, saneamento básico, mobilidade e acesso à serviços. A população em situação de pobreza muitas vezes é forçada a ocupar áreas precárias devido à falta de opções habitacionais acessíveis. O planejamento urbano frequentemente prioriza o mercado imobiliário em detrimento dos direitos da população. O direito à cidade é visto como uma faceta da cidadania, que deve garantir direitos básicos para todos os cidadãos. O exercício da cidadania implica na reivindicação de direitos quando há impedimentos para acessá-los. A participação social é importante para a construção da cidadania plena e da democracia política (SANTOS, 2007).

Os novos movimentos sociais do século XXI apresentam uma nova configuração frente às suas lutas (GOHN, 2013). Esses movimentos, organizados por sujeitos políticos e culturais, são representados por grupos com identidades diversas de atores sociais que apresentam demandas específicas voltadas para os problemas e questões que afetam o seu grupo. Esses coletivos constroem um modelo diferente do que os movimentos presentes nos anos 1980, que tinham como foco as demandas voltadas para objetivos ideológicos e políticos. A partir dessa mudança, Gohn aponta que surgem redes sociais e temáticas organizadas segundo gênero, faixa etária, questões ecológicas e socioambientais, étnicas, raciais, religiosas, além dos fóruns, conselhos, câmaras entre outros. Essa perspectiva foi importante para esta pesquisa. Ela permitiu observar os eixos temáticos do MLB e como eles estão representados na Lona, bem como a mostra representa identidades, interesses, subjetividades e demandas do MLB.

A incorporação de novas tecnologias se torna um fator importante para a articulação em rede dos movimentos sociais, observados a partir do século XXI (CASTELLS, 2013). Não apenas os novos movimentos sociais estão em rede, como também toda a sociedade está. Isto pode ser explicado devido a interação entre o avanço das tecnologias da informação e a adaptação da sociedade para utilizá-las.

### **O MLB e o cinema de ocupação**

A mostra Lona reúne documentários e filmes que abordam as ocupações urbanas promovidas pelo MLB em busca de reforma urbana e moradia digna. O movimento começou em 1996 e se consolidou em 1999, espalhando-se por vários estados do Brasil. Além de reivindicar melhorias estruturais e direitos básicos para as comunidades, o

---

MLB concentra-se no direito à moradia como pré-requisito para o acesso a outros direitos. O movimento atua em ocupações de prédios e terrenos ociosos, buscando visibilidade e pressionando o poder público.

A partir de 2013, o MLB iniciou a estruturação de sua rede de comunicação, destacando-se a produção audiovisual. A plataforma online Lona busca não apenas reunir filmes, mas também promover o debate e as temáticas do movimento, visando alcançar um público mais amplo por meio do cinema.

A articulação de uma rede de comunicação própria se tornou necessária para criar a possibilidade de mobilizar indivíduos e promover sua visibilidade diante das frentes de atuação do movimento. A proposta comunicacional do MLB parte de uma posição contra-hegemônica, autônoma e com características de uma comunicação popular ou comunitária, tendo em vista que essa forma de comunicação é “gestada no interior da organização dos movimentos sociais populares” (PERUZZO, 2004, p.21).

Com o declínio do regime militar, surgiram mecanismos de comunicação alternativos que fortaleceram os movimentos sociais e contribuíram para a construção da cidadania. Com o avanço da internet, surgiram práticas comunicacionais online, mas a comunicação alternativa e popular também continuou a acontecer por meio de materiais impressos, rádio e televisão. No entanto, a internet trouxe novas possibilidades, permitindo o surgimento do midiativismo.

O midiativismo é entendido como o ativismo por meio da mídia, em que pessoas ou grupos criam seus próprios relatos de eventos, disputando narrativas com os veículos de referência (FOLETTO, 2018). Embora os meios de comunicação populares e alternativos tenham ganhado força na internet, ainda estão sujeitos a interferências das grandes empresas de tecnologia, que monopolizam a fala por meio de algoritmos. No entanto, esses meios buscam conquistar seu protagonismo e autonomia por meio das tecnologias digitais e da cibercultura. (PERUZZO, 2004)

O MLB utiliza as tecnologias digitais, como smartphones e acesso à internet, para registrar e divulgar suas ações, denunciando despejos, violência policial e promovendo pressão popular. A mídia proposta pelo MLB também pode ser uma ferramenta para agendar a imprensa hegemônica. As mídias independentes e o midiativismo, intersecção entre o registro midiático simples e o ativismo puro, têm ganhado destaque na democratização da mídia, permitindo a participação da sociedade e

proporcionando a produção de informações e mídias alternativas (BRAIGHI E CÂMARA, 2018). No caso do MLB, além das publicações para noticiar suas ações, o movimento também produziu e reuniu filmes, além de realizar a Lona.

Esta pesquisa ainda acionou o conceito de cinema de ocupação (SEVERIEN, 2018) a fim de estabelecer reflexões sobre aspectos da Lona que se assemelham com esta forma de realização cinematográfica. De acordo com a perspectiva do autor, ao conceituar o cinema de ocupação, ele propõe “operar com os possíveis e as potências dos filmes enquanto gestos de uma militância que procura uma intervenção não só no espaço da cidade, mas em seu imaginário”. (SEVERIEN, 2018, p.18)

As produções da Lona exploram em suas narrativas gestos de militância ao defenderem suas pautas. Os filmes são contemplados com cenas exibindo a ação dos militantes do MLB, bem como os moradores das ocupações em muitos casos em situações de manifestação ou pressão popular em busca da reforma urbana.

O cinema militante apresenta nuances - complexidades e contradições - para tratar do encontro da memória com o real e o virtual. Severien também aponta para a existência de outras variações como o cinema de urgência, cinema de intervenção social, vídeo popular, documentário radical, cinema digital, videoativismo, sendo que todos eles carregam especificidades de um olhar analítico sobre objetos e contextos históricos. O autor define o termo cinema de ocupação para falar de

[...] filmes em seus contextos de visibilidade nas redes digitais e nos espaços de projeção presenciais que não se limitam às salas de cinema, em planos virtuais e materiais, integra circuitos de difusão, apreciação, reação, adesão, crítica, combate e mobilização. Assim, proponho a noção de cinema de ocupação por sua força participativa - a de um espaço comum instaurado pela presença dos corpos - e narrativa - cinema com os pés no chão para produzir mundos. (SEVERIEN, 2018, p.25)

O MLB utiliza estratégias de comunicação alternativa e midiativismo para promover suas ações, denunciar despejos e violência policial, e buscar a conquista de direitos sociais e moradia. A mostra de cinema Lona é uma extensão desse movimento, fortalecendo a luta por moradia e se tornando uma referência cultural e social.

## **Metodologia**

Para o mapeamento desta cartografia foram selecionados os conteúdos, objetos de estudo e análise, para delimitar os territórios mapeados, visto que seria possível

---

abordar diversos outros pontos de atenção que não foram abordados neste trabalho. Portanto esta cartografia se baseia também em questões subjetivas escolhidas a partir das lentes e leituras de quem a realiza.

Para mapear, inicialmente, os filmes da mostra, recorreu-se à análise de conteúdo a partir de Bardin (2016). Foram realizados a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. Sete categorias temáticas foram identificadas nesse movimento: lazer; ocupação do território; movimento social; precarização da infraestrutura; resistência; conflito; e comunidade. Além disso, foram destacadas como categorias subjetivas: a presença de mulheres e crianças nas abordagens; e a produção de memória das ocupações e do próprio movimento.

A cartografia buscou mapear o processo de transformação do movimento social - MLB - em expressão audiovisual - Lona. A cartografia permitiu observar as ações e relações estabelecidas nos filmes. A cartografia como um método processual, deve ser praticada para ser compreendida. Há um caminho de desterritorialização para se chegar ao método cartográfico: 1) o pesquisador parte de um planejamento que terá indicativos dos passos a seguir; 2) observação e registro de dados; 3) organização dos dados a partir das repetições encontradas no objeto de pesquisa; 4) interpretação dos dados (ROSÁRIO, 2016). A aposta da cartografia, enquanto método de pesquisa, é o acompanhamento dos processos e produção de subjetividades, à medida que o cartógrafo mergulha no território (PASSOS; KASTRUP, 2010). Para avançar no mergulho é essencial se colocar em movimento de descoberta de si e do campo de pesquisa.

Após o mapeamento das 19 obras da Lona, foi realizada uma pré-seleção para identificar os grupos temáticos. Os filmes da Mostra Acervo foram listados em uma tabela e os temas que emergiram a partir do movimento cartográfico, baseados em inferências e referências conceituais, foram: mulheres nas ocupações; infância e ludicidade; e memória.

### **O movimento analítico**

A partir dos grupos temáticos identificados acima, optou-se por mergulhar em três obras que retratam subjetividades relativas à infância, ao protagonismo feminino e à memória. Segue-se, portanto, o percurso cartográfico das obras<sup>6</sup> “A rua é pública”, de

---

<sup>6</sup> Os filmes da edição 2020 da Lona não estão mais disponíveis na plataforma da mostra. No entanto, alguns filmes ainda podem ser visualizados por meio do YouTube. (A Rua é pública, disponível em:

---

Anderson Lima (2013), “A última noite na ocupação Valdete Guerra”, de Coletivo Nigéria (2017) e “Memórias de Izidora”, com autoria coletiva de Vilma da Silveira, João Victor Silveira de Paula, Kadu de Freitas, Edinho Vieira e Douglas Resende (2020).

### **A rua é pública**

Para o grupo temático ‘infância e ludicidade’, a análise se concentrou no filme "A rua é pública", que retrata a ocupação Eliana Silva, em Belo Horizonte - MG. A ocupação abriga milhares de famílias e enfrenta problemas como a falta de água.

Um dos pontos de atenção dessa obra é que ela se distancia de documentários canônicos e parte para uma produção mais ficcionalizada, em que os atores sociais atuam na cena, diferente de outros filmes presentes na Lona. Há as fronteiras entre documentário e ficção. Existem acordos entre realizadores e personagens para contar uma história convincente (SALLES, 2005).

O filme narra a busca de um grupo de crianças por um local para jogar futebol em uma ocupação. Os garotos tentam acessar, sem sucesso, vários lugares para iniciarem a brincadeira e são impedidos por adultos, também moradores da ocupação, de permanecerem nos espaços com a justificativa de que aquele não é o lugar ideal para eles ‘jogarem bola’. A frustração das crianças com a falta de locais para brincarem dá lugar ao entusiasmo quando tratores abrem as ruas da ocupação. A rua de terra vermelha se torna o campo improvisado dos garotos, e ali eles passam a brincar.

A falta de espaços públicos de lazer dentro das ocupações é evidenciada, revelando as desigualdades na urbanização e a necessidade de criação de ferramentas e improvisação por parte da comunidade. Consequência da inexistência de políticas públicas e investimentos nessas regiões, o acesso, não só ao lazer mas também a diversos serviços básicos, é inviabilizado para essa população por meios públicos.

A segregação urbana ou ambiental é uma das faces mais importantes da desigualdade social e parte promotora da mesma. À dificuldade de acesso aos serviços e infra-estrutura urbanos [...] somam-se menos oportunidades de emprego (particularmente do emprego formal), menos oportunidades de profissionalização, maior exposição à violência (marginal ou policial), discriminação racial, discriminação contra mulheres e crianças, difícil acesso à justiça oficial, difícil acesso ao lazer. A lista é interminável. (MARICATO, 2003, p. 151)

---

<<https://youtu.be/A7OyxBN3nm0>>; A última noite na ocupação Valdete Guerra, em:

<<https://youtu.be/szp7pbPVgG4>>; e Memórias de Izidora, em: <<https://youtu.be/6EIdMsUUa00>>



No filme, a rua, que é pública, se torna a quadra para as crianças, que tomam consciência do espaço e o reivindicam para si. Essas crianças utilizam objetos improvisados para montarem a trave e as marcações da quadra. A partir desse momento, quando ocupam o espaço público da rua para suas atividades, eles entendem que ali é um espaço público compartilhado por todos e, portanto, têm o direito, assim como os outros moradores da ocupação, de o utilizarem, confrontando a advertência de uma mulher e demonstrando consciência crítica e organização.

Nesse primeiro movimento cartográfico, a atenção foi pousada na infância e nas questões que permearam os sujeitos retratados no filme. A infância é invisibilizada, mas as crianças ocupam um lugar de protagonismo em suas narrativas e devem ser consideradas na configuração do espaço público.

### **Ocupação tem nome de mulher**

No grupo temático ‘mulheres nas ocupações’ o mergulho é feito a partir do filme "A última noite na ocupação Valdete Guerra". A narrativa da obra retrata a história de cerca de 200 famílias que ocuparam um prédio público abandonado no município de Fortaleza - CE. Após 15 dias de ocupação, as famílias foram despejadas. O filme foi gravado na última noite das famílias ocupantes, antes do despejo. De acordo com o filme, durante a ação de despejo, as famílias foram removidas sem violência policial.

O filme destaca a presença de mulheres narrando suas lutas e dificuldades no contexto da luta por moradia, além de enfatizar a presença de mães e crianças. Destaca-se, ainda, a ligação entre o patriarcado e o capitalismo, que afeta especialmente as mulheres pobres e negras, e a importância de compreender as opressões interseccionais que essas mulheres enfrentam.

Mulheres são protagonistas dentro das ocupações urbanas e, não raramente, ocupações têm nome de mulher. Em um primeiro movimento analítico, se destacou o fato que 14 dos 19 filmes da Lona foram realizados em ocupações que receberam nomes de mulheres de luta, ou se referem a mulheres. Além do número expressivo indicar como as mulheres são referências para esses territórios, há estudos que indicam que as mulheres exercem um papel importante dentro dos movimentos de luta por moradia.

As autoras Galera e Gonçalves (2020) refletem sobre o protagonismo feminino e a intersecção entre gênero, raça, classe e espaço, ressaltando que muitas mulheres que

---

lideram a organização das ocupações são negras, mães-solo e moradoras de periferia. Essa realidade evidencia como a urbanização das cidades e as opressões do sistema capitalista afetam diretamente essa parcela desprivilegiada da sociedade.

Diante dessas observações, o filme citado foi escolhido para representar o grupo temático ‘mulheres’. Importante ressaltar alguns pontos de atenção: presença majoritária de mulheres nas ocupações; machismo e racismo estruturais. No que tange os processos de urbanização das cidades, o planejamento urbano prioriza o mercado imobiliário e este, por sua vez, é movimentado pelo capital. Logo, o planejamento urbano prioriza o capitalismo. Dito isso, há uma ligação entre o patriarcado e o capitalismo, que afeta diretamente as mulheres pobres e negras.

O patriarcado pode ser entendido como “o sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem” (SAFFIOTI, 1987, p.16). Nesse sistema, a família sofre transformações em seu funcionamento e passa a operar por meio da divisão sexual do trabalho, vinculando o trabalho remunerado e atribuição de “chefe de família” ao homem e a responsabilidade das tarefas domésticas e cuidados com os filhos às mulheres. Com essa divisão, o trabalho das mulheres se torna invisibilizado mesmo sendo essencial, enquanto os homens são valorizados por meio do capital. O que reforça a ideia que o patriarcado e o capitalismo se alimentam um do outro.

Atualmente, essa divisão do trabalho ainda é uma realidade que pode dificultar o acesso das mulheres ao mercado de trabalho. No entanto, as mulheres trabalhadoras têm, cada vez mais, conquistado seu espaço, mas infelizmente ainda sem paridade de remuneração em vista dos homens trabalhadores. É necessário destacar que a realidade das mulheres negras é ainda mais específica. O Brasil é um território colonizado, marcado pela escravidão durante 300 anos e, embora tenha historicamente recebido seu fim, ainda mantém seus rastros até os dias de hoje.

Diante dessa relação histórica e interseccionalizada, é possível entender que as mulheres que habitam as ocupações urbanas estão em maior número dentro desses territórios devido às opressões não só de classe, mas também de gênero e raça. Isto porque, com uma série de opressões acumuladas, há maiores dificuldades de garantir emprego e remunerações justas, impactando diretamente no acesso à moradias ‘regulares’. Somado a isso, conforme citado por Gohn, os movimentos de luta por moradia são protagonizados por mulheres visto que o número de mulheres que são

---

chefes de família tem aumentado e a taxa de desemprego também é duas vezes maior entre elas. (GOHN, 2013)

Outro ponto de atenção é o uso simbólico da lona nas ocupações, como um objeto que representa resistência e demarcação de território. Esse ponto de atenção não emergiu no mapeamento inicial elaborado para esta cartografia. No entanto, ao mergulhar nas obras audiovisuais esse tópico se tornou necessário e se faz presente de uma perspectiva simbólica. A lona é vista como um artigo de resistência que possibilita moradias provisórias e é um símbolo da ocupação.

### **Construindo memórias**

O último grupo temático aqui abordado é a ‘memória’. Neste tópico, o ponto de atenção escolhido é a memória e sua relação com o gênero documentário: uma ferramenta para explorar e rememorar o passado por meio de rastros e fragmentos (TOMAIN, 2009). O documentário "Memórias de Izidora", produzido em 2016 na ocupação Izidora, é uma forma de refletir sobre a construção da memória. O filme combina narrativas do presente e do passado, utilizando fotografias e materiais de arquivo, para retratar o cotidiano da ocupação.

A produção audiovisual explora não só a memória, mas também a produção de cinema dentro da ocupação. A narrativa é contada no filme por meio de personagens que falam sobre o cotidiano da Izidora, reunindo aspectos do presente e do passado utilizando fotografias e materiais de arquivo.

É interessante entender o contexto do território no qual está localizada a ocupação Izidora. Formada a partir de 2013 na divisa dos municípios mineiros Belo Horizonte e Santa Luzia, a Izidora reúne três grandes ocupações urbanas: Rosa Leão, Esperança, Vitória e, mais recentemente, Helena Greco. Com mais de 5 mil famílias de baixa renda, de acordo com a Prefeitura de Belo Horizonte, o local ganha destaque por ser considerado um dos maiores conflitos fundiários da América Latina.

Desde a sua fundação, as famílias assentadas sofrem ameaças de despejo e reintegração de posse, já que a região é vítima da especulação imobiliária e já recebeu diversos investimentos e valorizações como a construção da Cidades Administrativa, Linha Verde, entre outros. Sem alternativas de moradia, as famílias ficam reféns da implementação de políticas públicas para o local. Em agosto de 2021, a Prefeitura de

---

Belo Horizonte publicou uma matéria divulgando que está trabalhando para garantir melhorias urbanas no local.

Um ponto interessante para esta pesquisa foi identificado a partir da fala de um dos personagens do filme. Ele diz: “A pessoa só deixa de existir quando os outros se esquecem dela. Então, essa é a verdadeira morte”. Essa fala carrega algumas questões, a primeira me faz voltar aos primeiros segundos do filme, quando é exibido na tela “Este trabalho é dedicado à memória de João Vitor, Kadu e Manuel Bahia”. A primeira construção da memória neste filme se dá por meio da lembrança de sujeitos que fazem parte da memória afetiva dos personagens retratados na produção. João Vitor, Kadu e Manuel Bahia foram moradores da ocupação assassinados, vítimas da violência policial e dos conflitos urbanos.

A memória é um fenômeno construído coletivamente e está sujeita a transformações e mudanças constantes (POLLACK, 1992). No caso da obra escolhida, a memória é constituída pelos acontecimentos vivenciados, pelos personagens envolvidos e pelos lugares que fazem parte da ocupação. O filme retrata, ainda, a construção da memória coletiva por meio das ações cotidianas dos moradores da ocupação Izidora e das interações com o espaço ocupado.

## **Conclusão**

Esta pesquisa buscou mapear alguns pontos de atenção que interessavam a esta cartografia. Os pontos de atenção emergiram das subjetividades que se destacaram ao mergulhar nos territórios audiovisuais da Lona, tendo em vista os grupos temáticos inferidos inicialmente, mas também a partir do entrelaçamento com as conceituações teóricas exploradas. A partir de um percurso metodológico, utilizado para mapear todo o processo de pesquisa, foram manipuladas e combinadas quatro metodologias que, em alguns casos, foram acontecendo simultaneamente.

A revisão de literatura compreendeu a apresentação do referencial teórico que forneceu embasamento para trazer as discussões presentes nos filmes. Outro recurso metodológico utilizado foi a entrevista com pauta definida, realizada com um dos coordenadores da Lona. Essa etapa foi interessante para entender nuances que não estão ditas nos filmes. Também foram utilizadas técnicas da análise de conteúdo para construir um mapeamento inicial a partir de coleta de dados sobre os filmes da mostra.

---

Esse trecho do percurso metodológico foi necessário para fazer emergir os grupos temáticos abordados na cartografia. Vale ressaltar, ainda, a análise de aspectos filmicos das obras escolhidas. Embora esse tipo de análise tenha sido pouco utilizada nesta pesquisa, é importante mencioná-la visto que foi necessário usar esse recurso quando a atenção foi pousada em algum aspecto que estava relacionado a isso. Destacou-se a utilização da cartografia, ponto central do percurso metodológico, visto que esse foi o movimento realizado para mapear os processos e buscar as conexões com os filmes.

Compreender os processos de urbanização e a formação de regiões vitimizadas pela especulação imobiliária e ação opressiva do sistema capitalista se fez relevante para compreender parte dos acontecimentos e narrativas que configuram as ocupações urbanas brasileiras. Compreender as ações e formas de organização em rede dos movimentos sociais contemporâneos mostrou como eles se fortalecem, se apoiam, criam redes solidárias, além de potencializarem suas lutas ao utilizarem ferramentas de comunicação autônomas a fim de engajar e empoderar sujeitos ora silenciados pela mídia hegemônica. Compreender as expressões audiovisuais e suas possíveis utilizações para comunicar narrativas, subjetividades e interesses revelou a aproximação das obras com o cinema de ocupação (SEVERIEN, 2018). Por fim, todos esses elementos conectados me proporcionaram embasamento e bagagem teórica para que o mergulho não acontecesse em um plano escuro. Dessa forma, foi possível identificar e trazer à tona pontos de atenção, coloridos por nuances refletidas por luzes e sombras.

A cartografia se deu na medida em que o território foi mapeado. Já que cartografar é acompanhar processos (BARROS E KASTRUP, 2009), foi necessária uma habitação do território, que neste caso é a Lona. No entanto, a construção desta cartografia não deu conta de explorar todo o território e seus detalhes. Ainda seria preciso um mergulho ainda maior a fim de contemplar todas as possibilidades ali existentes. Como a cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas, coloquei-me em movimento junto às produções audiovisuais, em um movimento de descoberta, tanto do campo de pesquisa quanto de mim. Deixei-me afetar pelos *insights* em um processo de exploração de subjetividades para que fosse possível imergir no percurso cartográfico e desenhar a rede de forças em que os filmes da Lona estão conectados.

Esta cartografia me possibilitou identificar que a diversidade de linguagens,

---

vivências, identidades, afetos e tensionamentos reunidos no mesmo espaço, que é a Lona, é uma maneira de simbolizar a multiplicidade da luta por moradia e das ocupações urbanas. Na mesma medida que exploram as ocupações, a partir da infância, com filmes mais lúdicos, mostrando crianças brincando no chão de terra, há também os filmes que carregam maiores tensões, potencializando as ações de denúncias, reverberando temas como a violência policial contra as ocupações.

Essas formas de produção audiovisual com inclinações políticas, engajadas e militantes são consideradas, nesta pesquisa, assim como na perspectiva dos realizadores dos filmes da Lona, enquanto cinema, de fato. Embora exista no imaginário popular a ideia de que esta forma de produção carregue apenas o caráter de transformação e intervenção social e não como cinema, é interessante pensar que ele também possa ocupar esse território.

Os sujeitos ocupam espaços o tempo todo e essa ocupação acontece de maneiras diversas. Mas a ocupação sempre acontece em decorrência de necessidades. Por vezes, necessidade de sobrevivência, por vezes, necessidade de resistência. Os sujeitos e as narrativas que se desdobram nos filmes revelam essa dicotomia de necessidades. Eles ocupam os territórios para terem acesso à moradia, para sobreviverem. Mas também ocupam as narrativas das produções audiovisuais em um lugar de resistência. Dessa forma, o corpo é uma potência para ocupar o espaço físico e urbano e, para além disso, o cinema proposto pela Lona é uma potência para ocupar o espaço cultural e midiático.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo, SP, Edições 70, 2016.

BRAIGHI, Antônio Augusto; CÂMARA, Marco Túlio. **O que é Midiativismo? Uma proposta conceitual**. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. P. 25-42.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. Rio de Janeiro, RJ, Jorge Zahar Editor Ltda. Edição digital: julho de 2013.

FOLETTTO, Leonardo Feltrin. **Midiativismo, mídia alternativa, radical, livre, tática: um inventário de conceitos semelhantes**. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. P. 95-110.

---

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Déficit habitacional no Brasil - 2016-2019**. Belo Horizonte: FJP, 2021.

GALERA, Izabella e GONÇALVES, Raquel Garcia. **Izidora em 3 atos: o conflito fundiário, a luta popular, o imaginário simbólico da terra prometida**. In: Revista Indisciplinar. Escola de Arquitetura e Urbanismo - Universidade Federal de Minas Gerais, 2020, Belo Horizonte - MG.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo**. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2013. Edição Digital.

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes - Do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo, SP, Martins Editora Livraria Ltda, 2014.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Aglomerados Subnormais 2019: Classificação Preliminar e informações de saúde para o enfrentamento à COVID-19. Nota Técnica 01/2020. Rio de Janeiro, 2020.

MARICATO, Ermínia. **Metrópole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência**. São Paulo, SP, Editora Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. **Metrópole, legislação e desigualdade**. *Estudos Avançados*, [S. l.], v. 17, n. 48, p. 151-166, 2003.

ROSÁRIO, Nísia Martins. **Cartografia na comunicação: questões de método e desafios metodológicos**. In: LOPES, Maria I. V., MOURA, Cláudia P. (Orgs.). *Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2016.

SALLES, João Moreira. **A dificuldade do documentário**. In: Martins, J. S.; Eckert, C.; Caiuby N., Sylvia (orgs.). *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 2005.

SAFFIOTI, H. **O poder do macho**. São Paulo, SP, Moderna, 1987.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo, SP, Editora Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo, SP, Editora da Universidade de São Paulo, 7ª Edição, 2007.

SEVERIEN, Pedro Loureiro. **Cinema de Ocupação: uma cartografia da produção audiovisual engajada na luta pelo direito à cidade no Recife**. Tese (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós Graduação em Comunicação, Recife, 2018.

PASSOS, E. KASTRUP, V. ESCOSSIA, L. **Pistas do método cartográfico: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre, Sulina, 2010.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 3ª Edição, 2004.

POLLACK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 1992.

TOMAIM, C. dos S. **O documentário como chave para a nossa memória afetiva**. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. Pág. 53, 2009. DOI: 10.1590/rbcc.v32i2.259.